

TEMPORADA DRAMÁTICA

Dez dias do Teatro «Stabile» de Torino no Municipal

Visão em conjunto das obras que serão representadas — Hoje a estréia, com "Bertoldo a corte" de Massimo Dursi

Traçar, à distância de poucas horas do início das representações, um quadro, embora aproximado, das obras que figuram no calendário da "Stabile" de Turim com uma referência necessária às atrizes, aos autores e aos diretores, não é simples, levando-se em linha de conta o alto nível do conjunto teatral, ao qual Giancarlo de Bosio deu a contribuição do seu apaixonado trabalho e da sua preparação artística, em colaboração com Giacomo Colli, Ernesto Cortese e Giovanni Poli, que, embora muito jovens, têm uma bagagem de experiências e de significativos sucessos como poucos outros diretores podem alardear.

O "Bertoldo" de Massimo Dursi (pseudônimo de Otello Vecchietti), natural de Bologna, jornalista, crítico, escritor fecundíssimo e originalíssimo, que inaugura a temporada do Municipal, dirigido por Giancarlo de Bosio, o qual dirige também "La Moscheta" e "Antonello Capobrigante" (os outros trabalhos são dirigidos por Giovanni Poli — "Miles Gloriosus" e "Olimpia", numa única representação; por Ernesto Cortese — "L'uomo, la bestia e la virtù"; e por Giacomo Colli — "La Giustizia"), tem sua origem e justificação no velho "Bertoldo" criado em 1500 pelo férvido engenho de Giulio Cesare Croce, e mais ainda, no fato de que este tipo de camponês, que faz da sua sagacidade um escudo contra as condições humanas e sociais que o rodeiam, é um personagem que diverte e comove pela franqueza popular, simples e pungente, pela sua habilidade dialética e pelos seus inesgotáveis recursos. "Bertoldo" não pode ser relatado, visto tratar-se de um contínuo pipoqueamento de "boutades", de uma sucessão de subterfúgios e de estratégias que servem ao protagonista, de vez em vez, para resolver situações que parecem desesperadoras ou tão só embaraçosas, mas que afinal não podem evitar-lhe a morte como consequência da sua dignidade de querer ser um homem livre, como livre será seu filho Bertoldino, que no final recomeça a cantar as melodias do pai.

Pouco menos de um século atrás, outra figura rústica viera à luz, "apartando-se de um contexto literário em que a calma contemplação humanística já ia tomando um tom elegiaco muito amável para ser sincero": Angelo Beolco, conhecido no setor artístico como "Ruzante" (de "ruzzare" — brincar), que se destacou com um prepotente vigor plebeu e com uma comichidade densa e sanguínea" no clima literário do tempo, nele prevalecendo, graças ao seu tremendo candor, através do qual ele podia atribuir às coisas os seus verdadeiros nomes.

"La Moscheta", escrita entre 1525 e 1528, e novamente representada em 1950 e 1956 pela Companhia do Teatro da Universidade de Padua, é uma obra rude, violenta, agressiva, e ao mesmo tempo limpa e vigorosa, moralmente causticante, que introduz num mundo de homens elementares, quase ferinos, para os quais vigora, absoluta, a lei do mais forte. Pitar na peça significa ter uma idéia de um mundo que, apesar do transcurso dos séculos, mantém intactas a sua eficácia e a sua vitalidade.

Aqui também, em "La Moscheta", o enredo quase inocente se compraz com uma conclusão que, na pacificação geral, torna a ligar-se à tradição do teatro popular. Interessam, sobretudo, a linguagem, os insultos desbocados e pitorescos entre o soldado Tonin e Ruzante, as situações ingenuas ou paradoxais que se sucedem com ritmo cerrado, as intrigas de Betia, mulher de Ruzante, e de Monato, e o prólogo que Gianni Montesi proferirá, a fim de advertir o público a não gritar, não intervir e, sobretudo, não escandalizar-se com as coisas inconvenientes que algum personagem possa dizer.

Aludimos mais vezes ao teatro popular e impõe-se, de conseguinte, esclarecer o leitor que o objetivo principal da Companhia do Teatro "Stabile" da Cidade de Turim é o de representar o sentimento popular no teatro italiano, de Tito Plauto ("Miles Gloriosus") a Giuseppe Dessì ("La Giustizia"), ou seja, da Itália romana à Itália de hoje, através da apresentação das suas máscaras e dos seus personagens mais típicos, o que vale dizer os anseios, as idealidades, as fraquezas, as alegrias e as dores dos homens e das mulheres das regiões italianas, que encontrarão em São Paulo — certos estamos — a maior repercussão.

A representação conjunta de "Miles Gloriosus" e de "Olimpia" de Gian Battista Della Porta pretende justamente ligar o mundo das máscaras de Roma arcaica ao da

Comédia da Arte de 1500. Ambos os trabalhos giram ao redor da eterna vicissitude do amor, embora em diversos modos, segundo as características daqueles fenômenos cênicos, apresentando em Palestrine,



Massimo Dursi

o primeiro, e em Mastica, o segundo, duas figuras inimigáveis.

A companhia apresentará os trabalhos por assim dizer modernos, ou seja, "Antonello Capobrigante" de Ghigo de Chiara, do drama homônimo de Vincenzo Padula, que tenciona representar o ambiente da Italia Meridional

durante o regime corrupto dos Bourbons, esse mundo componio, rude e simples, do qual sai Antonello, que acaba identificando, confuso e ingenuamente, a própria causa de rebelde com a dos patriotas mazzinianos chefiados pelos irmãos Bandiera. Antonello cai numa cilada e vai ter à prisão, mas antes de subir ao patíbulo convence-se, demasiado tarde, que diante da morte um homem pode terminar sua vida não como bandido que sempre matou e roubou, mas como um mártir da liberdade e da independência do seu país.

Muito pelo contrario, com "L'uomo, la bestia e la virtù" de Luiz Pirandello, a "Stabile" de Turim reconduz o espectador à alegria à farsa bocacesca, grande e ironica aventura que derruba as tradições cômicas do teatro amoroso. Aqui, efetivamente, não são os amantes que recorrem ao estratagemas para se encontrarem, mas eles próprios tecem a trapalhada, a fim de que a Besta, marido da Virtude, engravidada pelo Homem, se lembre do que realmente é. Em outros termos, o professor Paolino e a senhora Perella fazem todo o possível para que o indiferente capitão Perella, de regresso de um cruzeiro, deite na cama com a esposa. Obra bocacesca, dissemos, que esconde, porém, na sua escarninha exasperação, uma amargura ignorada pelo autor tão só alegres.

Em "L'uomo, la bestia e la

virtù", inútil seria buscar o Pirandello complicado, mestre na construção dos paradoxos dialéticos que conhecemos todavia ele não escandaliza, levando-se em linha de conta que esses vicissitudes, que afinal existem na vida, surgem esqualidas e torpes tão só quando a contemplação é morbida, censura que não se pode certamente dirigir ao Pirandello mais simples, mais humano do que de costume, mais terra-a-terra desta comédia.

"La Giustizia" de Giuseppe Dessì é um conto que, na maturação interior do autor se transformou num drama teatral. "La Giustizia" levamos à Sardenha tradicionalista. Um fato de cronica esquecido retorna do tumulto. O fantasma que surge à jovem Domenica Sale, no início da ação, e que com as suas revelações provoca o reinício do inquerito tem — para Dessì — a amplitude de uma revelação da verdade, como superior necessidade de justiça. No drama, que se encerra com a morte do protagonista inocente, não está ausente o espírito polemico que é próprio de Dessì escritor. A vicissitude seduz e apaixona, justamente porque formula questões que o espectador resolverá em si próprio, como sempre acontece nas obras teatrais que estão na vida e na arte, como dramática por antonomasia.

Aqui, sem notá-lo, chegamos ao termo deste longo e, contudo, breve artigo, para falar enfim de Paola Borboni a qual se especializou num espetáculo de novo genero qual é o recital que a sensibilidade artística de Gianfranco De Bosio quis incluir no calendário do Teatro "Stabile" de Turim. Com o recital nasce o monólogo, e no recital se exprime toda a personalidade desta grande atriz, apreciada também pelo público de São Paulo.

Paola Borboni faz reviver na cena os personagens criados por Riccardo Bacchelli ("La bottiglia d'acqua minerale": uma senhora idosa obrigada a um rigoroso regime alimentar, que lembra a bela época em que podia dar-se ao prazer de ricos e saborosos manjares generosamente regados a excelente vinho; por Aldo Nicolaj ("Emilia": uma mulherzinha alegre já no ocaso, que relata os episódios salientes da sua "carreira", abandonando-se a gostosas e satíricas observações); por Dino Buzzati ("Sola in casa": uma cartomante que teme ser estrangulada por um criminoso imaginário, cuja presença está viva nos gestos e nas palavras dela); por Carlo Terron ("La formica": uma ex-estrela do Café-Concerto que prudentemente acumulou o dinheiro que ganhou, e que é auxiliada pela sorte); por Stefano Pirandello ("Fine di giornata": uma pobre mulher que trabalha da manhã à noite pelo marido e os filhos, que não tem jamais um instante de repouso ou de tranquilidade; está cansada, senta-se e, enquanto fala, adormece).

É tudo. É até muito. Quiseramos falar detidamente sobre a interprete, a quem temos a honra e o prazer de conhecer, mas o espaço já nos trai; fá-lo-emos, porém, numa de nossas próximas críticas. Perdoe-nos Paola Borboni esta brevidade, considerando que, afinal de contas a sua esplendida arte, que o público paulista conhece e aprecia não necessita certamente de nossas palavras elogiosas.

LIBERO MALAVOGLIA